

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Moreno e Durvinha posam, com roupas típicas dos cangaceiros, para a câmera do diretor Wolney Oliveira. | Imagem: [O Globo](#).

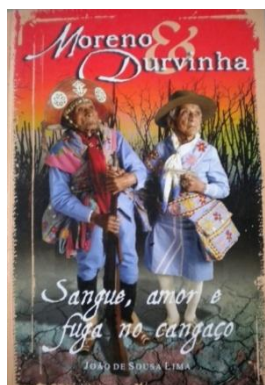
Passado bandoleiro – Resenha de *Moreno e Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço*, de João de Souza Lima

Moisés Santos Reis Amaral (SEMED/Fátima/BA)

Resumo: *Moreno e Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço*, de João de Souza Lima, investiga a trajetória de um casal de ex-cangaceiros que ocultou seu passado por décadas. A obra exagera na romantização e no uso de relatos orais não confrontados. Destaca-se pela narrativa de experiência inédita e contribuição à historiografia do cangaço.

Palavras-chave: cangaço; história oral; Moreno e Durvinha.

Moreno e Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço, de autoria de João de Souza Lima, é uma obra de investigação histórica lançada em 2007 pela Editora Fonte Viva. Dedicase a narrar a fantástica história do casal de cangaceiros que dá nome ao título, o qual sobreviveu ao cangaço, fugiu para Minas Gerais e manteve segredo sobre suas origens por mais de setenta anos, inclusive dos filhos. A obra tem prefácio de Leandro Cardoso Fernandes, que faz empolgada referência à “paixão pelo cangaço” que diz compartilhar com o autor, e à importância que ele próprio atribui ao livro e à descoberta histórica do casal em Minas Gerais, que originou o trabalho em questão.



João de Souza Lima é pernambucano da cidade de São José do Egito, radicado em Paulo Afonso, Bahia, desde 1970. Como pesquisador do cangaço, galgou uma carreira de escritor autônomo, escrevendo mais de vinte livros. A obra resenhada é fruto da descoberta do casal de ex-cangaceiros radicados em Minas Gerais feita pelo autor; desse fato, surgem os primeiros contatos, as inúmeras entrevistas e o livro, como consequência das histórias contadas pelos idosos e do que já se sabia acerca de Moreno e Durvinha pela historiografia especializada. A obra conta com 34 capítulos distribuídos em 190 páginas, com vasta iconografia e uma linguagem simples.

Os capítulos de 1 a 7 são pequenos fragmentos dedicados a contar a infância de Durvalina Gomes de Sá, que passaria à história como a cangaceira Durvinha. Aqui, o autor dedica-se a narrar a terra, a região do Raso da Catarina, nas imediações de Paulo Afonso, as relações sociais e familiares de Durvalina, a convivência sempre próxima com bandos de cangaceiros, até o despertar de uma paixão pelo seu primeiro marido, Virginio Fortunato da Silva, o cangaceiro de nome Moderno, por quem se apaixonou ainda na adolescência, abandonando a família em desgraça e vivendo a vida errante de uma cangaceira.

Os capítulos de 10 a 18 tratam da entrada de Moreno no Grupo. Antônio Inácio da Silva integra o grupo do então casal Moderno e Durvinha, serve como homem de confiança do chefe e torna-se um temido fora da lei sob os comandos de Moderno. Este trecho da obra, dividido em nove pequenos capítulos, dedica-se a relatar sobre aquele que se tornaria o companheiro de Durvinha após a morte do Moderno.

Entre os capítulos 19 e 32, narra-se a ascensão de Moreno a chefe do subgrupo outrora liderado por Moderno, morto em combate. Moreno também assume o posto de marido de Durvinha e conduz um pequeno grupo até fevereiro de 1940, quando empreendem longa jornada de retirada para Minas Gerais, abandonando o sertão e a luta do cangaço para viverem naquele estado.

A epopeia da viagem até terras mineiras é o tema do capítulo 33, que descreve a preparação para a retirada, os cuidados com as perseguições que visavam dar linhas finais ao banditismo após a morte de Lampião em 1938, o abandono da indumentária e as ajudas que tiveram para partir a pé, sempre pela caatinga fechada em busca de nova vida.

O último capítulo, de número 34, relata ao leitor as habilidades e a sensibilidade de Moreno ao conduzir o seu bando e, posteriormente, a sua esposa para a fuga. Aqui, o autor enaltece o conhecimento do terreno e as táticas do inimigo do cangaceiro, creditando a isso a fuga

bem-sucedida para o sudeste, façanha tentada por outros, como Corisco, por exemplo, e malsucedida.

Os pontos problemáticos da obra residem na romantização e no uso de artifícios narrativos para preencher espaço no corpo do texto de forma artificial. É perceptível que o autor demonstra fidelidade à narrativa da idosa, sem muita preocupação com outras fontes, tomando como verdade as memórias de Durvalina, que, na época, já beirava os cem anos. Esse é um ponto dúbio do livro, pois, ao mesmo tempo em que o autor atribui valor à narrativa ao apresentá-la com fidedignidade, a ausência de uma investigação com outras fontes compromete a integridade científica, característica intrínseca aos relatos de história oral sem o devido tratamento. Esse defeito, aliás, permeia toda a obra. O mesmo pode ser dito do trecho que narra a ascensão de Moreno; aqui, o interlocutor muda e Moreno passa a ser o narrador principal, o método de pesquisa não muda. A mesma lógica pode ser aplicada aos capítulos finais.

A inserção de batalhas e acontecimentos diversos, deslocados do problema central da obra, acaba por confundir o leitor. Para ampliar a história, o autor insere forçosamente alguns tópicos que poderiam ser aproveitados em outra publicação. Essa característica é lugar comum na historiografia do cangaço, composta, em geral, por pesquisadores autônomos, sem uma orientação acadêmica especializada, o que, de fato, prejudica a qualidade final da publicação ao tratar o tema de forma superficial.

A obra tem como pontos positivos a descoberta do casal Moreno e Durvinha. Assim, a despeito dos problemas aqui apresentados, a contribuição para a historiografia do fenômeno cangaço é indiscutível. Conforme reportado no corpo do texto, nem mesmo os filhos tinham conhecimento do passado do casal; chegaram, inclusive, a desconfiar que os pais eram irmãos. A revelação do passado bandoleiro dos dois só veio após Moreno ser hospitalizado. Diante da adversidade, achou que iria morrer e não queria levar para o túmulo os seus segredos do passado. João de Souza Lima soube cativar a família e prospectar, entre os desconfiados idosos, as informações que revela nesta obra. Sem essa publicação, a memória dos dois cangaceiros teria se perdido, e a historiografia do cangaço não teria preenchido essa lacuna como aconteceu com o casal Rio Branco e Florência, que fugiram do tiroteio que matou Corisco e rumaram, possivelmente, para o mesmo Estado de Minas Gerais. Contudo, diferente de Moreno e Durvinha, jamais foi encontrado e levaram para o túmulo os segredos dos tempos do cangaço; a descoberta desse casal certamente traria um ponto de vista diverso da controversa morte do Diabo Loiro.

O trabalho de João de Souza Lima revelou essas pessoas para a história e enriqueceu a bibliografia sobre o cangaço. Portanto, deve ser leitura obrigatória para os que se ocupam da temática como trabalho acadêmico ou na condição de experiência curiosa.

Referências

LIMA, João de Sousa. *Moreno & Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço*. João Pessoa: Fonte Viva, 2007.

Sumário de *Moreno & Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço*

1. Arrasta-pé
2. Durvalina, amor, fuga, sofrimento, fogo e cinza
3. Lurdinha, um anjo sofrido
4. Pedrinho, outra vítima das circunstâncias
5. Agripino e os irmãos Juviano e Zé Policarpo: Fuxico, morte e perseguição
6. Morte e perseguição
7. Novamente Arrasta-pé
8. Barra da Salina: Arma inexistente, marcas permanentes
9. Antônio Ignácio, o futuro cangaceiro Moreno e a epopeia de um peregrino;
10. Péia de um peregrino
11. A epopeia continua
12. Antônio e o destino como Moreno
13. Moreno e a Santa
14. Moreno e Virgínio: A obediência e o respeito ao comandante e os impulsos movidos pelo poder da arma
15. Sutiãs, peças obsoletas
16. Virgínio, castrações e saques
17. Durvalina Baleada
18. O ataque a Piranhas
19. Moreno, o novo chefe de grupo
20. Moreno salva Maria de Pancada
21. O filho Inacinho
22. A cangaceira Aristeia
23. Capiá da Igrejinha, passagem de cangaceiros
24. O Cônego Frederico Araújo
25. Parteiros improvisados
26. Aristéia chora a morte da irmã, a cangaceira Eleonora
27. A morte dos cangaceiros Zé Velho e Cícero Garrinchinha
28. Catingueira e a fuga de sua amada Aristéia
29. Moreno em busca de benção
30. O silêncio de um crime brutal
31. Fazenda Paquiú, verdejantes paragens
32. Víbora amaldiçoada
33. A retirada
34. Sensibilidade de cego

Resenhista



Moisés Santos Reis Amaral é mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e licenciado em História pela Faculdade AGES e atua como professor de História na cidade de Fátima (PMF/BA). Entre outros trabalhos, publicou o “[Manual didático do professor de História: História local e aprendizagem significativa](#)” (2019). ID Currículo Lattes: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5676-8762>; E-mail: moisessantosra@gmail.com.

Para citar esta resenha

LIMA, João de Sousa. *Moreno & Durvinha: Sangue, amor e fuga no cangaço*. João Pessoa, PB: Editora Fonte Viva, 2007. 194 p. Resenha de: AMARAL, Moisés Santos Reis. Passado bandoleiro. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 22, p. 11-15, mar./abr., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).